



Intermedialidade: novas perspectivas dos estudos interartes

Intermediality: news perspectives of interarts studies

Grazielli Alves de Lima¹

Resumo: O presente artigo tem como foco deslindar sobre as várias faces dos estudos da intermedialidade. Desse modo, elucidaremos as razões pelas quais críticos dessa área de atuação modificam a nomenclatura dos estudos, bem como os novos direcionamentos para a pesquisa comparatista.

Palavras-Chave: Literatura; Interartes; Intermedialidade.

Abstract: The present article focuses on unraveling the many faces of studies of intermediality. Thus, elucidate the reasons why critics of this practice area to modify nomenclatura studies, as well as new directions for research comparatist.

Keymords: Literature; Interarts; Intermediality.

A necessidade de reconceber os “Estudos Interartes” como “Estudos da Intermedialidade” ou “Estudos Intermidiáticos” surgiu tanto da percepção de que havia acontecido uma gradativa mudança na orientação teórica e nas práticas do discurso interdisciplinar quanto da aproximação entre áreas dos Estudos Interartes e do Estudos das Mídias.

Claus Clüver, “Intermedialidade e Estudos Interartes”, p. 212.

Estudos Interartes = Estudos Intermidiáticos?

Nossa reflexão inicial, que subintitula o presente artigo, vem de encontro com as novas perspectivas para os estudos das relações entre as artes. Com a mudança no próprio conceito de arte e com a inserção de novas tecnologias para a composição artística, vários foram os fatores que induziram os estudiosos dessa prática a revisitar suas bases e modificar a nomenclatura que norteia essa esfera das pesquisas comparatistas.

Sabemos que comparar literatura com outras esferas artísticas não é uma prática nova, uma vez que esta remonta à Antiguidade Clássica. Desde o adágio do poeta grego Simonides de Ceo, citado posteriormente por Plutarco, que afirmara “que a poesia era uma pintura falante e que a pintura era uma poesia muda” (*apud* MATTE, 2006, p. 25),

¹ Mestre em Letras – área de concentração: Literatura e Práticas Culturais. Atualmente é professora no curso de Letras das Faculdades Integradas de Naviraí – FINAV. Atua nas áreas de Literatura Comparada, Estudos Interartes e Intermídias.

bem como a ideia de que a pintura é como a poesia, *ut pictura poesis*, de Horácio, que estudos questionam a possibilidade de uma co-irmandade artística².

A partir desses adágios, que inauguram as reflexões sobre as correspondências, vários teóricos teceram teses que ora seguiam a linha dos poetas gregos, ora negavam as mesmas com veemência.³ Entretanto, para cada negação que a crítica postulava nascia uma nova relação de correspondências entre as artes, visto que, segundo Mário Praz:

[...] a ideia de artes irmãs está tão enraizada na mente humana desde a Antigüidade remota que deve nela haver algo mais profundo que a mera especulação, algo que apaixona e que se recusa a ser levemente negligenciado. Poder-se-ia mesmo dizer que, com sondar essa misteriosa relação, os homens julgam poder chegar mais perto de todo fenômeno da inspiração artística. (PRAZ, 1982, p. 1)

Durante todo o período da História da Arte ocorreram rupturas no próprio conceito de arte, que modificam totalmente sua função e suas características frente aos novos paradigmas sociais e históricos, além da constante preocupação com o sujeito e suas características imanentes e psicológicas. Soma-se a essas perspectivas a linguagem midiática, que se torna uma nova ferramenta de criação, e a inserção do estudo de culturas marginalizadas no rol dos interesses de pesquisadores, voltados para manifestações artísticas que não figuravam no amplo leque das “belas-artes”.

É válido ressaltar que a significativa produção das mídias chama a atenção de teóricos e pesquisadores que, por conseguinte, passam a valorizar essa nova forma de abordagem artística como objeto de estudo de suas linhas de pesquisa. Nesse sentido, destacamos que, tal como as artes canônicas, que mantêm entre si relações de correspondências, as linguagens midiáticas se intercalam mutuamente, de forma que “(...) o rótulo “Estudos Interartes” tornou-se cada vez mais impreciso e, assim, insatisfatório,

² Étienne Souriau inaugura sua obra, *A correspondência das artes: elementos de estética comparada* (1983), postulando uma nova máxima, que se relaciona com a amplitude do conceito de arte. Ao unir as várias manifestações artísticas no mesmo aforismo, a tese do esteta defendia um ponto de convergência entre as práticas, definidas por ele como *correspondências*. Dessa forma, Souriau instaura parâmetros de análise para um diálogo que há muito pertencia a poetas, pintores, escultores, entre outros: as relações interartísticas. No entanto, é oportuno desde já assinalar para a transformação e/ou reutilização do termo “correspondências”, que ganha outros matizes e espessura, na atualidade, em função, sobretudo, da prevalência conceitual e operatória que a intermedialidade fez acrescentar ao nosso campo de estudo.

³ Para uma leitura mais aprofundada sobre o assunto. Cf. PEDROSO Jr. “Horácio: *ut pictura poesis*, o início de uma tradição”. 2009, p. 94.

tanto em relação aos textos tratados quanto às formas e gêneros textuais” (CLÜVER, 2008, p. 18).

O teórico comparatista Claus Clüver chama a atenção para a *imprecisão* do termo *Estudos Interartes*, justamente por perfilhar a ideia teórico-crítica da revisitação do termo, uma vez que se torna cada vez mais recorrente a inserção de objetos que não são considerados arte no rol de interesses dos pesquisadores dos estudos Interartes/ Interartísticos. Dessa forma, Clüver falará em Intermidialidade, termo que abrange toda a tradição dos estudos comparados das artes, bem como as novas inter-relações entre as diversas mídias:

Assim, não apenas por razões de intraduzibilidade para línguas como o alemão (este causa dificuldades consideráveis num discurso internacional), mas antes, ainda, devido à insuficiência da designação usada até agora, parece oportuno buscar uma denominação mais adequada para o conceito geral, que abranja todo o campo de estudo. A combinação de “artes e mídias”, com a qual já nos deparamos, bem como o termo “intermidialidade”, já corrente no âmbito científico alemão, sugere a escolha deste ou de outro nome bem semelhante para uso internacional. Intermidialidade diz respeito não só àquilo que nós designamos ainda amplamente como “artes” (Música, Literatura, Dança, Pintura e demais Artes plásticas, Arquitetura, bem como formas mistas, como Ópera, Teatro e Cinema), mas também às “mídias” e seus textos, já costumeiramente assim designadas na maioria das línguas e culturas ocidentais. (CLÜVER, 2008, p. 18)

Corroborada a pertinência da revisão de nomenclatura da disciplina e da ampliação de seu *corpus* de pesquisa, Clüver passa a esboçar considerações seminais para o nosso campo de estudo. Assim, a intermidialidade surge do constante olhar de alguns comparatistas dispostos a deslindar objetos profícuos e repletos de variegadas redes de significações. Dessa forma, no ensaio “Intermidialidade e Estudos Interartes”, Claus Clüver definirá a Intermidialidade como:

[...] um fenômeno abrangente que inclui todas as relações e todos os tópicos e assuntos tradicionalmente investigados pelos Estudos

Interartes. Trata de fenômenos transmidiáticos como narratividade, paródia e o leitor/espectador/auditor implícito e também os aspectos intermediáticos das intertextualidades inerentes em textos singulares. (CLÜVER, 2008, p. 224)

Vários teóricos seguem a linha de pensamento de Clüver e passam a esboçar considerações sobre essa área de estudo comparatista. Dentre eles, chamamos a atenção sobre as considerações tecidas por Walter Moser (2006). Ao refletir sobre a nova nomenclatura dos estudos comparativos entre artes / mídias, o referido teórico corrobora a ideia de que a intermedialidade pode ser construída a partir dos Estudos Interartes. Segundo esse teórico, “(...) a longa tradição das relações entre as artes poderia fornecer os materiais para uma arqueologia da intermedialidade (...)”, visto que “(...) a relação entre as artes, por implicação, comporta sempre, também, questões intermediáticas, mesmo que estas não sejam assim explicitadas, considerando-se que toda arte inclui a ‘intermedialidade’”. (2006, p. 42)

Dessa forma, as mídias podem ser compreendidas como novos fenômenos pertencentes às esferas artísticas e circulam entre as recentes matérias-primas dos artistas, ressaltando um novo olhar da crítica para os fenômenos que as circundam. Entretanto, conceituar mídia especificamente ainda é uma atividade em andamento, visto a inserção de novos meios tecnológicos e as múltiplas linguagens que os acompanham. Ainda assim, há algumas tentativas de se pensar nessas mídias de forma a definir suas inter-relações, abrangendo, ainda em seu campo, as artes ditas como referência até então:

(...) “mídia” tem muitos significados e vários entre eles aplicam para o conceito de “intermedialidade”. Porém, é uma tarefa difícil encontrar uma definição geral de “mídia” que valha para todas as mídias englobadas pelo conceito de “intermedialidade”. A proposta feita anos atrás por três estudiosos alemães encontrou alguma aceitação. Eles definiram “mídia” como “aquilo que transmite um signo (ou uma combinação de signos) para e entre seres humanos com transmissores adequados através de distâncias temporais e/ou espaciais”. Mas “música”, por exemplo, como conceito midiático, indica não só a geração e transmissão (mediação) de “signos” musicais mas inclui também os contextos da produção, distribuição e

recepção como também as funções exercidas pelo texto musical e sua produção. É difícil incluir tudo isso numa só definição. (CLÜVER, 2008, p. 222)

Há que destacar ainda as considerações do teórico François Jost (2006) que, assim como Clüver, chama a atenção para o conceito de intermedialidade, questionando a função desses estudos. Segundo Jost (2006, p. 33): “Em outros termos, eu gostaria de responder a essa simples questão: para que serve o conceito de intermedialidade?”. No decorrer de sua tese, o teórico chamará a atenção para os romances modernos e suas traduções para as formas cinematográficas. Nesse sentido, François Jost (2006) afirmará que o movimento entre as diversas mídias, entendidas por ele como linguagens, é sempre um constante ir-e-vir de artes mistas, na medida em que as relações permitem significativas trocas de linguagens e de saberes. Mais adiante, Jost constatará que:

A intermedialidade tem, portanto, três sentidos e três usos interessantes para o pesquisador: a relação entre mídias, a relação entre os meios de comunicação e a migração das artes para os meios de comunicação. Estes três tipos de intermedialidade obedecem, conforme mostrei, uma genealogia que leva do textual ao contextual, do abstrato ao concreto e que, nisto, se calca sobre as evoluções históricas que conhecemos. Contudo, cada etapa não torna necessariamente ultrapassada a precedente: ela a engloba. Também não me parece exagero pedir ao pesquisador de hoje em dia para que se interrogue, em cada uma das análises de um documento, sobre a pertinência daquilo que ele desenvolve submetendo-o ao crivo desta tripla intermedialidade. (JOST, 2006, p. 41)

Em sua tese, François Jost (2006) ressalta ainda que, se para muitos estudiosos a Intermedialidade é conceito pertinente aos estudos das teorias da Comunicação, há também aqueles que corroboram a ideia de que este campo de pesquisa é uma nova forma de nomear práticas recorrentes no arsenal da Literatura Comparada. Dado o exposto, salientamos que abarcamos esta última reflexão, por acreditarmos que as inter-relações também são objetos de interesse da Literatura Comparada, uma vez que seu campo de atuação tem se expandido, percorrendo além-fronteiras literárias, fomentando a

atividade comparativa também entre textos não-verbais e outros sistemas semióticos.⁴ Segundo a professora Tania Franco Carvalhal (2010, p. 74): “Assim compreendida, a literatura comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística.”

Com efeito, poderíamos afirmar que os estudos intermediáticos tratam das relações entre artes / mídias, postas num mosaico contínuo de relações e de releituras que ganham significativa relevância ao serem abordadas em novas estruturas linguísticas, sejam estas verbais ou não-verbais. O amplo campo da Literatura Comparada⁵, bem como as teorias que lhe servem de ferramentas, em destaque a intertextualidade, tornam-se alicerces de suma importância para as práticas intermediáticas, visto que:

Teorias de intertextualidade resultaram na percepção de que intertextualidade sempre também implica intermedialidade, porque pré-textos, inter-textus, pós-textos e para-textos sempre incluem textos em outras mídias. Um só texto pode ser objeto rico para estudo da intermedialidade. (CLÜVER, 2008, p. 222)

A intertextualidade se torna um fundamental aparato teórico-crítico para o campo dos estudos Intermediáticos, uma vez que é a partir das leituras realizadas que o leitor / pesquisador construirá interferências, associações e mediações entre um texto e outro, promovendo as marcas implícitas na obra e nos gestos que o autor deixa nas entrelinhas de seu enunciado. A importância do ato da leitura é corroborada à medida que as relações são construídas, pois o leitor/espectador é quem estabelecerá processos capazes de relacionar uma determinada obra às outras, reconhecendo também as leituras do próprio autor, uma que vez que, segundo Carvalhal:

No horizonte do comparatista está o “autor enquanto leitor” e todos os aspectos da recepção de uma obra estrangeira num determinado

⁴ De acordo com Rildo Cosson: “A disciplina, que nunca teve seus limites rigidamente estabelecidos, tem se ocupado de tantas matérias que já não se sabe bem se ela deve mesmo se chamar Literatura Comparada ou Estudos Culturais ou Comparatismo Cultural. O certo é que uma literatura comparada ocupada em estabelecer o sucesso de um autor em outro país ou as relações de influências e débitos entre duas literaturas nacionais, conforme seus primórdios no século XIX, parece muito distante das atuais práticas comparatistas, que quebram o par literatura/literatura em favor dos pares literatura/artes e literatura/humanidades” (COSSON, 2002, s/p.)

⁵ Cf. SANTOS. “Pesquisa, interseções e produção do conhecimento em Literatura Comparada hoje”, 2011, p. 162-190.

contexto que possam ter importância para o autor enquanto leitor e para a sua eventual recepção pessoal. (CARVALHAL, 2010, p. 71)

Desse ângulo, corroboramos a argúcia de George Steiner, que, tentando responder à onipresente indagação “O que é Literatura Comparada?”, sublinha que *todo ato de recepção em linguagem, em arte e música é um ato comparativo* e, em seguida, conclui que: *O processo semântico é um processo de comparação. Ler é comparar.* Trata-se, portanto, de uma orientação metodológica na qual a Literatura Comparada, como método de trabalho, torna-se herdeira de Babel, com o campo de pesquisas comparatistas envolvendo toda a problemática relacionada à produção e à recepção de sentidos textuais. Segundo a feliz conceituação de Steiner:

Tudo que se passa entre as línguas, entre os textos de períodos históricos ou de formas literárias diferentes, as interações complexas de uma tradução nova e das que a precederam, a antiga mas sempre viva rivalidade entre as *letras* e o *espírito*, todo esse comércio é o da literatura comparada. (STEINER, 2001, p. 159)

Além do exposto, é válido ressaltar o caráter cultural que a intermedialidade concede às relações comparatistas, uma vez que Clüver (1997, p. 52) já chamava a atenção para a função social destas relações, ao afirmar que: “[...] mesmo onde o interesse nas ‘artes’ e na produção e recepção de ‘obras de arte’ continua, a tendência atual é pensar nelas como práticas sociais”. Como sublinhamos, o conceito de arte passou por rupturas, dialogou com outras esferas, mas não trouxe para seu universo de discurso outras produções culturais que a intermedialidade abrange de forma recorrente, pois: “(...) um bom número das produções culturais que entraram na área dos ‘Estudos Intermediáticos’ não teriam sido consideradas por um discurso dedicado às ‘artes’”. (CLÜVER, 2008, p. 226)

De fato, com a revisão dos objetos de estudo pertencentes às relações interartísticas, houve uma recorrência para pesquisas voltadas para produções culturais que não figuravam anteriormente no universo desses estudos comparativos. Conforme esclarece o referido crítico:

O desenvolvimento de estudos cinematográficos para um campo acadêmico independente tem tido um impacto significativo sobre os

estudos Interartes e tornou-se um dos fatores da transformação e reorientação do discurso. (...) o interesse de muitos estudiosos do cinema de Hollywood deu apoio à tendência crescente em outras disciplinas de *ampliar o foco além da "high art"*, a arte canônica, para áreas da cultura popular, o que ultimamente resultou na inclusão de textos decididamente não artísticos entre os objetos de estudo – frequentemente objetos que não se encaixaram dentro de nenhuma das disciplinas tradicionais por causa da sua natureza multimídia, mixmídia ou intermídia. É a situação de muitos tipos da produção cultural. (CLÜVER, 2008, p. 217. Grifos nossos)

Com todo aparato teórico que vem sendo construído para essa “arqueologia” da intermedialidade, entendemos que a mudança de terminologia proposta pelos teóricos referidos é um meio pertinente de abarcar, no âmbito dos estudos comparativos, os novos objetos de estudo, que, até então, não tinham um lugar de referência para pesquisas sérias sobre suas relações. Assim:

Entre outros objetivos, a nova nomenclatura visa permitir que a pesquisa no campo das relações intersemióticas possa abranger um sem número de objetos, sem dúvida representativos da produção de nosso tempo, mas que muitos hesitariam em situar na categoria de arte. (OLIVEIRA, 2007, p. 14)

A intermedialidade contempla, assim, não só as novas linguagens, que formam um constructo artístico variado, misto de cores, tecnologias, músicas, mas também uma rede infinita de correspondências.

Vislumbrar poéticas semelhantes em culturas díspares, ou buscar convergências entre transposições midiáticas, cinematográficas e pictóricas, é tema recorrente nas abordagens desses teóricos das mídias. Com o foco de estudo ampliado, chega a vez das artes vindas de culturas marginalizadas trilharem seus caminhos comparativos, tão férteis como os estudados até então. Sendo assim, os estudos intermediáticos dão as mãos a manifestações artísticas populares, a produções culturais fronteiriças, propiciando olhares que se cruzam em prol de representatividades culturais.

Bibliografia

- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2010.
- COSSON, Rildo. **A contaminação como estratégia comparatista**. Belo Horizonte, 2002. Disponível em <<http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/convidado09.htm>> 16 de maio de 2009.
- CLÜVER, Claus. Inter textus/ Inter artes/ Inter media. In: Revista **Aletria**. Belo Horizonte. Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários. v. 6, p. 1-32, jul.- dez, 2006. p. 11 – 41. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_14/ale14_cc.pdf. Acesso em: 6 setembro 2010.
- _____. Intermedialidade e Estudos Interartes. In: NITRINI, Sandra; PEREIRA, et alli (org.). **Literatura, artes, saberes**. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 2008. p. 209 – 232.
- _____. Estudos interartes. In: Literatura e Sociedade 2. **Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada**, São Paulo, FFLCH, n. 2, p. 37-55, 1997.
- JOST, François. Das virtudes heurísticas da intermedialidade. **Cerrados**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UNB, Brasília, n. 21, ano 15. p. 33-45. 2006.
- MOSER, Walter. As relações entre as artes: por uma arqueologia da intermedialidade. In: **Revista Aletria**. Belo Horizonte. Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários. v. 6, p. 42-65., jul.- dez, 2006. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_14/ale14_wm.pdf. Acesso em: 20 jun. 2011.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. A literatura e as outras artes, hoje: um título, três problemas. In: **Scripta Uniandrade**, Curitiba, n. 5, p. 11-21, 2007.
- SOURIAU, Etienne. *A correspondência das artes: elementos de estética comparada*. 3 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.
- STEINER, George. O que É Literatura Comparada?. In: _____. **Nenhuma paixão desperdiçada**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.